

HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA OBRA “ACULTURAÇÃO NEGRA NO BRASIL” DE ARTHUR RAMOS (1942)

AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN HISTORY AND CULTURE, IDENTITY AND RESISTANCE: AN ANALYSIS OF THE WORK “BLACK ACCULTURATION IN BRAZIL” BY ARTHUR RAMOS (1942)

Rafael Mello da Luz

Graduando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Fundação Carlos Chagas

Resumo: O presente artigo analisa a obra “Aculturação negra no Brasil” do Antropólogo brasileiro Arthur Ramos, publicada em 1942. A seguinte obra é considerada um marco importante na carreira de Ramos e até mesmo nos estudos da antropologia no Brasil, principalmente para as discussões em torno da valorização da cultura afro-brasileira e para os embates sobre a propalada “democracia racial”, a qual ganhava cada vez mais notoriedade a época. No artigo, busco compreender melhor os aspectos culturais que embasavam os estudos antropológicos do médico e que deram resultado a uma leitura da questão racial de recorte brasileiro com uma visão muito específica sobre como a cultura se disseminou entre os africanos escravizados que se tornaram livres e também o impacto significativo que isso tem na história da população negra do Brasil.

80

Palavras-chave: Arthur Ramos; Aculturação negra; História da Antropologia; Identidade; Raça.

Abstract: This article analyzes the work “Black acculturation in Brazil” by the Brazilian anthropologist Arthur Ramos, published in 1942. The following work is considered an important milestone in Ramos' career and even in the studies of anthropology in Brazil, mainly for the discussions around the valorization of Afro-Brazilian culture and the clashes over the so-called “racial democracy”, which was gaining more and more notoriety at the time. In the article, I seek to better understand the cultural aspects that supported the anthropological studies of the doctor and that resulted in a reading of the racial issue of Brazilian scope with a very specific view on how culture was disseminated among the enslaved who became free and also the significant impact this has on the history of Brazil's black population.

Keywords: Arthur Ramos; Black Acculturation; History of Anthropology; Identity; Race.

Introdução

Esta pesquisa procura compreender os estudos e debates de Arthur Ramos em torno da antropologia da cultura afro-brasileira, levando-se em consideração o período entre os anos 1930 e

1940. Importante lembrar aqui que esse período foi muito rico para o debate antropológico entre os intelectuais brasileiros, tendo como expoentes autores como Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), Arthur Ramos (1903-1949) e Gilberto Freyre (1900–1987), este último responsável pela publicação, em 1933, de “Casa Grande & Senzala”, uma das obras mais emblemáticas do pensamento intelectual brasileiro. Compreender que os debates levantados por Arthur Ramos significam olhar para um contexto mais amplo de produção da antropologia e do debate sobre raça, cultura e identidade no Brasil.

Quanto ao período analisado, compreendemos que no Brasil, no sentido antropológico da discussão, cada vez mais ficava “contra a parede” no debate antropológico, no sentido de não poder ignorar as vozes oprimidas, que por sua vez passavam a conquistar espaços em sua luta contra o racismo. Ao mesmo tempo, a antropologia brasileira dos anos 1930 e 1940 também incorporava os avanços de uma nova antropologia, sobretudo aquela inspirada na tradição de Franz Boas (1858-1942), considerado o pai da Antropologia Cultural e também o primeiro criador de um doutorado em Antropologia nos Estados Unidos, em torno do qual se formou uma geração de jovens antropólogos (ROCHA; PEREIRA, 2017). Vale destacar que Boas foi referência importante nos estudos antropológicos aqui no Brasil, que deu abertura para o pensamento que há muito era trabalhado por Arthur Ramos, mas que vem a ser mais reconhecido pelas obras de Gilberto Freyre.

Logo, compreendemos a forma como todas essas problemáticas e discussões do período encontram abrigo nos escritos de Arthur Ramos, especialmente em seu livro “Aculturação Negra no Brasil”, publicado em 1942 e que é analisado com mais detalhe neste artigo. Mas é preciso entender também que a fonte nos mostra, além das discussões raciais, um parâmetro equivocado sobre trabalhos científicos produzidos no Brasil, como apresentou Luana Tiek Omena Tamano ao ressaltar o papel criativo dos usos das ideias, conceitos e teorias antropológicas pelos intelectuais brasileiros. De acordo com a autora, “o Brasil (e num contexto mais amplo, a América Latina), como país colonizado, sempre foi visto como mero receptor de teorias e postulados científicos das metrópoles, na relação metrópole-periferia” (TAMANO, 2011, p.31).

Com isso, pretendemos mostrar também que Ramos, como um intelectual comprometido com o campo científico, teve um papel importante em colocar o Brasil no mapa de produção científica na área da antropologia, não mais apenas como receptor, mas também como produtor de trabalhos científicos. Vale destacar que, a partir do final dos anos 1940, Ramos foi convidado pela

Unesco para liderar um amplo debate sobre raça e racismo, tendo em vista a necessidade de refletir sobre as mazelas produzidas pelo racismo nas primeiras décadas do século XX. Embora a morte prematura de Ramos em 1949 tenha abreviado a sua atuação na Unesco, seu legado foi uma marca importante na instituição e nas discussões antropológicas do período (MAIO, 2000).

Neste sentido, este trabalho busca compreender a obra e o diálogo de Arthur Ramos com os debates raciais do seu tempo, especialmente as discussões sobre identidade e aculturação africana no Brasil. Procuramos entender a figura de Ramos não como um sujeito com uma linha direta e consciente no debate racial, mas como um homem branco, de sua época e que foi se letrando racialmente conforme sua trajetória foi ascendendo até o posto de um dos maiores intelectuais do Brasil.

Considerações iniciais

Este trabalho utiliza como fonte principal de pesquisa o livro “Aculturação negra no Brasil”, do antropólogo e médico Arthur Ramos, que teve sua primeira edição publicada no ano de 1942. A obra representa o que seria a segunda fase da trajetória de Arthur Ramos, onde ele passa cada vez mais a adentrar nos estudos sobre a emergente antropologia cultural, muito influenciado pelos estudos de Franz Boas e Ruth Benedict (1887 - 1948), bem como do antropólogo Melville Jean Herskovits (1895 - 1963), com o qual Ramos trocou correspondências entre os anos de 1935 até 1949. Podemos então compreender, que a fonte dessa pesquisa é traço importante da trajetória intelectual de Ramos, pois a mesma demonstra a preocupação científica e cultural do autor perante os seus estudos da cultura africana e afro-brasileira.

Como metodologia de análise, partimos das referências da metodologia da história intelectual. Podemos compreender a história intelectual como uma história que transita por diversas perspectivas de análise, muito relacionada a história das ideias, a história dos intelectuais e, mais atualmente, inclusive com a história social e cultural. A história intelectual emergiu especialmente a partir dos anos 1930, no processo de abertura criado tanto pela Escola dos *Annales* quanto pela renovação da tradicional história das ideias, o que permitiu a formação de um campo autônomo e bastante promissor na historiografia mundial (DARNTON, 1990). Conforme destaca o historiador francês Jean-François Sirinelli, a história intelectual, ou a história dos intelectuais, como chama a

tradição francesa, “tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 1988, p.232).

Essa metodologia permite compreender as ideias e a escrita de Arthur Ramos como conectadas com o mundo científico, com a sua sociabilidade intelectual, mas também com o mundo social e político do qual participava como intelectual e ator social. Escrita essa que foi realizada por meio de diversos processos de aprendizagem e, principalmente, da absorção de conhecimentos, tanto por meio dos estudos etnográficos quanto da leitura e do diálogo com as ideias e linguagem que formataram o campo da antropologia e dos debates políticos do período. Compreender a escrita e seu diálogo com o mundo da política é compreender que Ramos foi capaz de juntar suas ideias a um discurso de construção, assim como Jean-François Sirinelli nos apresenta a seguir:

Entre o coro dos intelectuais e a peça cheia de “clamor e fúria” que é representada na frente do palco, urdiram-se relações complexas, cuja observação toca o âmago do político e faz, portanto, dessa história dos intelectuais uma história a seguir, em todos os sentidos do termo. (SIRINELLI, 1988, p. 262).

Devemos, então, nos apropriar das análises de Robert Darnton, que compreendia que a história intelectual se apresentava por meio da história social, cultural e das ideias. Aqui nos atemos mais a forma como a história intelectual e a cultural dialogam, logo que Darnton compreende “a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários)” – “e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo concepções de mundo e *mentalités* coletivas)” (DARNTON, 1990, p. 187). Sendo assim, se apresenta de maneira muito valorosa para essa pesquisa, podermos analisar a fonte por meio do clima de opinião apresentado na fonte em conjunto ao estudo antropológico promovido por Arthur Ramos.

Ao mesmo tempo, o presente trabalho se dispõe tanto da análise da trajetória de Arthur Ramos, quanto da sua obra. Podemos compreender que seguimos aqui pela história intelectual e, mais precisamente, no método de análise da trajetória, exige alguns cuidados para não tomar a trajetória intelectual como homogênea e linear. Sendo assim, pensar através dos escritos de Pierre Bourdieu, em seu memorável texto sobre “A Ilusão biográfica”, que permite problematizar as situações nas quais devemos estar atentos ao fazer o estudo de trajetórias e biografias de intelectuais:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si só suficientes de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação de um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô, sem levar em conta a estrutura de rede. (BOURDIEU, 1996, p. 189).

Pensando ainda por meio das ideias de Bourdieu, vamos compreender que a trajetória de Ramos não é reta, com um objetivo claro e que é atingido de forma proposicional, mas sim que ele é um agente social, cidadão histórico que foi moldado por meio desses acontecimentos, como o próprio Bourdieu nos lembra: Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estado sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 1996, p. 190).

Neste sentido, Bourdieu chama a atenção para a necessidade de compreender as trajetórias intelectuais também por meio da história social. Assim, em conjunto com a metodologia de estudo de trajetórias, potencializa o nosso poder de percepção de transformação ideológica e literária do autor da obra aqui estudada. Isso permite analisar a fonte por uma perspectiva tanto da macro-história quanto da micro-história, tanto coletiva quanto individual.

Identidade e cultura: um debate primordial na obra “Aculturação Negra no Brasil”

Os escritos de Arthur Ramos têm uma importância fundamental na história da antropologia no Brasil, pois através dele podemos compreender as formas com que os pensamentos dos abolicionistas se transformaram e se perpetuaram ao longo do período da escravatura e, especialmente, no processo de pós-escravatura. É necessário trazer para a análise desta fonte outros autores e debates para que possamos, desta maneira, compreendê-la e problematizá-la de uma maneira mais adequada. Logo, com isso, podemos compreender de forma inicial a importância do poder das ideias e como isso impacta tanto na obra de Arthur Ramos e de sua geração quanto para a nossa época.

Para isso, se faz necessário que primeiro compreendamos o que temos sobre o conceito de “identidade”, discussão na qual se destaca o nome de Stuart Hall (1932-2014) em seus estudos sobre o tema. Hall, em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, de 1992, nos entrega

uma análise da construção da identidade ao longo do tempo, por meio de três concepções da ideia, que são a de sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Essas mesmas concepções, nos apresentam de uma forma simplificada como se dá essa mudança, de um sujeito do Iluminismo, que era unicamente individualizado e masculino, para um sujeito sociológico que passa a sofrer com os questionamentos de seu tempo e, por fim, acaba no sujeito pós-moderno, cuja identidade é móvel (HALL, 1992, p. 8-10).

No entanto, nesse ponto da pesquisa, e para compreender melhor o contexto ao qual Ramos estava inserido, assim como as ideias escritas por ele, vamos nos ater a princípio nas ideias de sujeito iluminista e sociológico. Adentrando mais precisamente na análise e na temporalidade na qual a fonte e o autor se inserem. No capítulo “O espírito associativo do negro brasileiro”, Arthur Ramos procura compreender as formas como a cultura Afro-brasileira foi se disseminando em território nacional, principalmente se valendo da observação e dos conteúdos que tinha a mão sobre os negros escravizados do Brasil.

Ramos é muito direto e pontual quanto a se tratar das problemáticas que envolviam o negro e a inserção do mesmo no Brasil, porém, ele conseguia fazer isso por meio de uma análise cultural do problema, assim como o mesmo apresenta no seguinte trecho:

Os negros que entram no Brasil e em outras partes do novo mundo com o tráfico de escravos pertenciam a vários grupos de cultura. A sabedoria popular não distinguiu as diferenças étnicas e culturais dos negros aqui introduzidos. E isto foi um preconceito “branco”. Uma denominação comum englobou a todos: “negro”, “preto”, “peça da índia”, “Negro da Guiné”, “fôlego vivo”, etc. E no entanto, há tanta diferença entre eles, como no europeu, entre um francês e um alemão. (RAMOS, 1942, p. 117).

Fazendo uma ligação direta das ideias de Hall com os escritos de Ramos, aqui podemos compreender que, com “preconceito branco”, Arthur Ramos fazia o que mais a frente Hall apontaria como um sujeito iluminista, aquele que se vê e se identifica culturalmente através de si mesmo e de sua cultura.

Ao mesmo tempo, precisamos, aqui, compreender melhor o que Ramos enxergava por toda essa situação. Ainda no capítulo I, Ramos explica: “O meu intuito é demonstrar agora que o Negro não foi introduzido ao Brasil, e em outras partes da América, como um elemento humano isolado, mas como o representante de um grupo de cultura” (RAMOS, 1942, p.118). Para Ramos, o problema era direto e claro, a imersão do negro escravizado no Brasil, a qual havia sido feita por força e por meio da escravização, havia de ser um grande problema do presente e do futuro (o qual

também compreendia que logo seria afetada também em um problema do passado, quando se trata de um problema cultural da mesma). O autor compreendia, já a época, os problemas de se unificar uma cultura inteira, seja nas problemáticas de confrontos entre os povos negros escravizados, que aqui eram obrigados a conviver juntos, mesmo que em sua terra estivessem em guerras, tanto quanto no quesito puramente cultural e de apagamento desses sujeitos e culturas.

Dentro dessa mesma ideia de Ramos, podemos compreender como diversas lideranças negras já apontavam (até antes de Arthur Ramos) essa problemática e a compreendiam de uma maneira muito objetiva. Uma dessas lideranças (apesar de que forma póstuma e posterior a Arthur Ramos) foi Abdias do Nascimento (1914-2011), que em seu livro “O genocídio do negro brasileiro: processo de Racismo Mascarado”, publicado em 1978 (relançado em 2016), no qual já apresentava uma visão ainda mais crítica e pontual sobre o mesmo problema. Se Ramos o identificou, Abdias já encaminhava a discussão para a resistência e o resultado do mesmo, assim como vemos no trecho:

As pressões culturais da sociedade dominante, embora seus propósitos e esforços, não conseguiram, entretanto, suprimir a herança espiritual do escravo, como ocorreu nos Estados Unidos onde apenas sobreviveram alguns elementos culturais. Mas essa incapacidade de aniquilar definitivamente a vitalidade cultural africana que se expandiu por vários setores da vida nacional não pode ser interpretada como concessões, respeito ou reconhecimento por parte da sociedade dominante (ABDIAS, 1978, p.101).

Retomando o debate, agora que conseguimos compreender a ideia que Ramos tinha e também podemos dialogar com os escritos de Abdias do Nascimento, vamos compreender de maneira mais política, social e cultural a forma como a identidade do negro foi, por muito tempo, um tema preocupante e que se via com um olhar estranho pela classe dominante ou pelas pessoas brancas. Como evidenciado pelo autor, na fonte dessa pesquisa, o ato de unificar a cultura africana não era uma ação sem fundamento, uma vez que foi feita justamente para que houvesse uma dificuldade na identificação dos mesmos e daqueles que viriam posteriormente. Já Abdias nos apresentou que houve resistências e que por muito foi combatido.

Dentre os atos que o sistema brasileiro teve para com a população negra para o esfacelamento cultural, um dos mais conhecidos foi a queima de arquivos direcionados à escravidão, que estavam em repartições públicas do Ministério da Fazenda, ordem a qual foi dada pelo então ministro Rui Barbosa, na data de 14 de dezembro de 1899. Abdias escreve sobre isso da seguinte maneira:

Anteriormente já tivemos ocasião de mencionar o ato de 1899 do Ministro das Finanças Rui Barbosa, ordenando a incineração de todos. Os documentos - inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, etc- pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro, e aos escravos; assim se pagaria a "mancha negra" da História do Brasil. Como consequência lógica desse fato não possuímos hoje os elementos indispensáveis a compreensão e análise das experiências africana e de seus descendentes no país. Similantemente negativa se revela (ABDIAS, 1978, p.78).

Esse foi apenas um dos inúmeros atos cometido pelo estado brasileiro na sua luta incansável pela destruição da identidade cultural do negro brasileiro. Mas sem dúvida uma das práticas mais comuns desse apagamento de identidade se deu, com a criação da ideia de um escravizado “manso” e que não se rebelava. Era comum essa representação de um negro que condizia com os padrões que o branco o impunha, que não pensava, não reagia e muito menos reagia, e que, principalmente, não havia feito nada de histórico ou de importante.

Ramos foi muito direto no trato dessas questões, começando aqui pela discussão sobre o apagamento do negro na história do Brasil. O autor acaba sendo muito lúcido ao trazer passagens históricas onde as figuras negras foram apagadas. Uma delas que merece destaque é certamente o caso dos Zuavos Baianos, conhecida companhia negra que lutou na guerra do Paraguai e que por muito foi esquecida. Conforme escreve Ramos:

Houve lutas e garrafadas famosas, que fizeram da capoeira o símbolo do indivíduo vadio e turbulento. Mas o capoeira provou o seu valor em muitas oportunidades. Na guerra do Paraguai, muitos batalhões de capoeiras alistaram-se espontaneamente e combateram com bravura, como o prova o exemplo dos Zuavos Baianos, no assalto ao forte Cazurú. (RAMOS, 1942, p. 128).

Tema pouco visitado por historiadores, as campanhas negras são de extrema importância para a Guerra do Paraguai, tanto por seus atos quanto por demonstrarem uma grande inabilidade do Brasil em lidar com as questões raciais. É intrigante pensar que no período em que a guerra ocorreu, entre 1864 e 1870, o Brasil era a maior sociedade escravista das Américas, o que demonstra a complexidade da política racial e a naturalização do regime escravista. Conforme explica Hendrik Kraay:

A experiência desses soldados, e principalmente a dos seus oficiais, cuja atuação militar pode ser seguida em diversas fontes documentais, revela a complexidade da política racial do Estado brasileiro, que recorreu à mobilização de homens negros, mas não aceitou a identidade racial implícita no ato de organizar companhias negras (KRAAY, 2012, p. 132).

Entendendo, então, que os negros sofrem um apagamento histórico e social nos livros de história, agora podemos nos voltar diretamente para a ideia que a branquitude criou de um negro e escravizado, que tinha por objetivo inibir qualquer ideia revolucionária ou de simples incitação a revolta, logo que sabiam que eram em menor número e que apesar das armas de fogo, sem o controle da situação poderiam acabar facilmente derrotados. Sobre isso, Ramos foi muito categórico quando afirmava: “A lição histórica mostra-nos, do outro lado, que o negro não foi esse tipo dócil, cheio de submissão e incapaz de reagir. É verdade que o tipo de Pai João, manso e humilde, perpassa muitas vezes diante dos nossos olhos, mas isto não é a regra” (RAMOS, 1942, p. 132).

Com isso, Ramos passou a trabalhar também as revoltas que os negros escravizados provocaram, revoltas essas que começaram desde os embarques nos navios, durante as travessias, dentro das senzalas e principalmente nos quilombos. Com isso, o autor procurava mostrar que de fato a figura do dócil não cabia a aqueles escravizados, mas que, antes, foram um povo de luta, tal qual eram em suas terras natais (RAMOS, 1942).

Muitas foram as revoltas dessa época. Podemos pegar como exemplo a figura do líder quilombola Benedito Meia-léguas, conhecido por ter invadido diversas fazendas e libertado diversos africanos e africanas escravizados, tudo isso usando de uma genialidade e de estratégias as quais deixavam os escravagistas confusos. Conforme conta Ale Santos em seu livro “Rastros de Resistência: Histórias de luta e liberdade do povo negro”:

Benedito reunia grupos de negros insurgentes e aterrorizava os fazendeiros escravagistas da região: invadia a senzala, libertava outros negros e saqueava e provocava verdadeiros prejuízos aos racistas. Contam que ele era um estrategista ousado e criativo. Uma de suas táticas era criar grupos pequenos para evitar capturas e atacar fazendas diferentes ao mesmo tempo. A genialidade de seu plano era que o líder de cada grupo se vestia exatamente como Meia-Léguas, e quando um deles sofria o infortúnio de ser capturado, o verdadeiro reaparecia em outras rebeliões. (SANTOS, 2019, p.50).

Como Santos nos mostra, não eram apenas revoltas que aconteciam do nada, eram planejadas, feitas por lideranças negras que passavam muito longe da ideia de bestialidade e ignorância que era atribuída a eles, demonstrando uma inteligência que era fora do comum a sociedade dominante da época.

Grande parte do incentivo em se bestializar a figura do negro (e conseqüentemente o deixá-lo sem identidade) se dava a tal ponto de se retirar qualquer traço humano de sua existência. Por

muito se foi acreditado, inclusive pela própria população negra, de que seus ancestrais não possuíam capacidade organizacional e nem inteligência (ideia essa que já é quebrada com o relato anterior de Meia-léguas). Quanto a isso, Ramos é muito inteligente e apresenta ao seu leitor um retrato do quilombo de Palmares, demonstrando, através de um retrato econômico do mesmo, a sua complexidade e grandeza de organização:

A organização econômica era perfeita. Os negros mantinham relações comerciais com os moradores das vilas vizinhas, levando os seus produtos da lavoura, de cana, banana, feijão, etc, e trocando-os pelos artigos de que necessitavam, como tecidos, instrumentos, armas e munições. Os negros eram recebidos sem desconfiança e os negociantes atestavam a probidade com que se comportavam. Quando a luta se desencadeou contra eles, tornaram-se precavidos e enviavam agentes secretos, que ficaram sendo intermediários dos seus negócios. (RAMOS, 1942, p. 139).

É de fato muito interessante analisar a forma como Ramos era científico e tinha um compromisso inegável com a retratação da história que via, logo que aqui estamos tratando, tanto de formação de uma identidade cultural, quanto do apagamento da mesma.

Agora, voltando a questão histórica, podemos perceber como, já a época de 1940, existiam estudos e documentos que comprovavam ações de africanos e africanas escravizados contra seus senhores, da ação de quilombos na libertação dos mesmos e como a sua estrutura era significativamente complexa e que nada era “primitivo” naquelas que eram atacadas e por anos resistiram a tudo e a todos.

Encaminhando para a conclusão desse subtítulo, podemos tomar por evidente que Ramos olhava para a criação de identidade, tal qual conceitua Stuart Hall (1992). Mais à frente viria dizer como um sujeito sociológico, logo que esses ex-escravizados, quando passavam a fugir das fazendas ou mesmo conseguiam sua carta de liberdade, passavam a conviver em um mundo muito diferente ao qual estavam acostumados, um mundo o qual era datado nas diferenças, divisões e, principalmente, antagonismos (HALL, 1992), e passavam a ter de se encontrar dentro das mesmas.

Ainda quanto a questão cultura-identidade, creio que fica evidente a forma como Ramos foi crítico ao modo como a história foi conduzida no Brasil, não simplesmente como a mesma foi feita, mas principalmente como ela era contada. Ramos deixa claro o seu descontentamento com o abusivo e demasiado apagamento cultural das figuras negras, as quais julgavam de uma importância enorme não apenas para a formação de uma identidade afro-brasileira, mas da formação da própria identidade brasileira como um todo.

O mito da abolição de Isabel e as juntas negras

Ao que compreendemos, pela história da cultura afro-brasileira, tanto quanto e mais ainda da população preta em terras brasileiras, compreendemos que a música é um ato de resistência para os mesmos. Contudo, muitas vezes não se compreende a sua raiz ou de onde se veio, por isso vem a importância de se olhar para o que Arthur Ramos, na fonte desta pesquisa, chamou de “juntas negras”. Compreender o caráter de formação de luta e de impulsionamento que essas juntas tiveram, descambando e iniciando com um projeto abolicionista, é parte essencial para a discussão cultural e racial presente na obra. De acordo com Ramos:

Foram muitos os grupos recreativos do Negro, do Brasil. Nas plantações e nas cidades, eles se reuniam frequentemente, durante o tempo da escravidão e depois dele. As rodas de samba e de batuque, as sobrevivências de muitos autos cerimoniais de caça, guerra e amor... encheram a sua vida em outras terras. (RAMOS, 1942, p. 126).

O antropólogo compreendia que as juntas negras eram de fato a raiz primordial de toda a luta abolicionista que viria acontecer mais a frente e, mais do que isso, um fator cultural que seria um dos pilares principais na construção de uma identidade cultural dos mesmos. Mas agora tratando precisamente de como o abolicionismo é formado nas juntas. Para isso, primeiro precisamos voltar alguns passos e compreender a forma como elas se davam e o caminho traçado pelas mesmas que não ficaram reclusas as senzalas, como mostrado na citação anterior, mas que ganharam forma o poder conforme ia aumentando, como o antropólogo nos mostra:

Foram assim constituídas as reuniões de negros ou juntas, que, por ser o objetivo principal a compra da carta de liberdade, passaram a ser chamadas juntas de alforria. Os escravos reuniam-se nestas juntas, sob a chefia daquele que inspirasse mais confiança. O tesoureiro da caixa de empréstimo, isto é, o encarregado da guarda do dinheiro que os escravos iam depositando anotava as quantias recebidas por um sistema especial de registro e anotação, pois não tinham escrituração. Estas anotações eram feitas por meio de incisões num bastonete de madeira, que cada contribuinte possuía. (RAMOS, 1942, p.124).

Como o autor nos apresenta, as juntas negras, a princípio, já se reuniam com o objetivo da libertação de negros e negras escravizados e por um meio da compra de alforria. É perceptível que havia demasiada organização, objetivo e coerência entre os mesmos, ainda que estivessem em

situação em tão e óbvia desvantagem, conseguiam entre os seus procurar uma maneira onde todos compreendiam o seu funcionamento e poderiam fazer parte da mesma.

O Brasil possui diversos nomes abolicionistas, muitos deles hoje são símbolos da luta contra o 13 de maio e sobre a falsa libertação promovida pela princesa Isabel. Entre nomes famosos, como André Rebouças, Luiz Gama, José do Patrocínio, Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar), Francisco de Paula Brito, entre tantos outros nomes que, por vezes, se não quase sempre, são esquecidos quando se conta a história de um Brasil preto que se tenta tornar o mesmo branco e entregando toda uma luta ancestral em mãos erradas, sem dar o devido crédito e reconhecimento histórico a aqueles que a merecem.

No entanto, Ramos faz uma crítica forte e direta a República. Para o autor, muito antes dos parlamentares e dos filantropos tentarem tomar para si os créditos por uma movimentação, que o próprio autor reconhece que vem das senzalas, assim como vemos a seguir:

Muito antes de os grandes leaders do parlamento e do jornalismo levantarem a bandeira abolicionista, já os negros se reuniam em sociedades de emancipação, amealhando as suas caixas de alforria, para com as suas cartas de liberdade... Cooperativas de emancipação, ideia generosa que os abolicionistas iriam depois imitar (RAMOS, 1942 p.170).

Compreender a importância desse posicionamento político e histórico de Arthur Ramos é o que faz termos a plena noção da importância de uma história intelectual no papel de compreender o contexto aos quais os autores estavam subordinados, mas principalmente para compreender o seu processo de “evolução” em sua obra e trajetória.

Podemos compreender isso por meio das ideias do abolicionista Joaquim Nabuco (1849 – 1910) pelas quais Arthur Ramos parece ter seguido em sua obra e trajetória. Nabuco, em seu livro “O Abolicionismo”, publicado no ano de 1883, já apresentava uma ideia bem crítica e direta quanto a questão da abolição, apontando erros significativos e que, na visão dele, haviam sido deixados de lado e também acusava as consequências de um processo de escravização que acumula as centenas de anos, assim como podemos observar nesse trecho:

Quando mesmo a emancipação total fosse decretada amanhã, a liquidação desse regime daria lugar a uma série infinita de questões, que só poderiam ser resolvidas de acordo com os interesses vitais do país pelo mesmo espírito de justiça e humanidade que dá vida ao abolicionismo. Depois que os últimos escravos houverem sido arrancados ao poder sinistro que representa para a raça negra a maldição da cor, será ainda preciso desbastar, por meio de uma educação viril e séria, a lenra estratificação de trezentos anos de cativo, isto é, de despotismo, superstição e ignorância (NABUCO, 1883, p.12).

Aqui podemos perceber a clara influência das ideias de Nabuco nos escritos de Ramos, logo que é perceptível que as críticas aplicadas por Nabuco foram, de forma significativa, abordadas pelo antropólogo na fonte analisada nesta pesquisa. É importante compreender que Ramos colocou essas questões de ordem pré e pós-abolição como uma forma direta de criticar o tratamento recebido pelos africanos e africanas escravizados.

No capítulo sobre “O Negro e a República”, Ramos se concentrou em compreender a forma como o abolicionismo foi tratado. Conforme já destacamos anteriormente, o autor já aqui exemplifica as problemáticas que levaram a tratar da própria questão dos negros e negras escravizados:

Além disso, havia outras razões de ordem psico-social. O trabalho escravo, por sua própria natureza, não interessando ao trabalhador, pura e simplesmente besta de carga, tinha que se ressentir dessa falta de interesse “humano”, na técnica e no rendimento do trabalho. Todas essas razões já se faziam notar muito antes da abolição, quando lavouras inteiras se perdiam no fracasso indutável e quando esclarecidos fazendeiros paulistas já cuidavam de substituir o braço escravo pelo braço assalariado. (RAMOS, 1942, p. 171).

Aspectos psíquicos e econômicos foram um dos principais motivos que levaram a assinatura da lei áurea de 13 de maio de 1888, e quando digo psíquicos, não eram de uma ordem da preocupação de uma elite com os negros escravizados, mas sim de um impacto econômico que isso vinha a causar (como bem apontado pelo autor na referência anterior). Entender isso nos faz ter uma ampla visão do que de fato aconteceu.

Para Ramos, foi muito conveniente uma visão adotada pela República, isso porque a mesma viria a casar perfeitamente com as ideias de uma democracia racial, para a qual o Brasil se encaminhava. Diante disso, para quebrar com essa mesma ideia, o próprio já afirma em sua obra: “A própria lição da economia vem nos provar ainda que a abolição era uma necessidade econômica. Mais do que necessidade: uma fatalidade econômica” (RAMOS, 1942, p. 170).

Logo, podemos compreender a forma como Ramos olhou para os pós-abolição. Assim como Nabuco, questionava sobre as consequências que isso acarretava para o país, sendo feitas de forma pensadas apenas para o sentimento de uma elite, ao qual Nabuco apontava como “O arrependimento dos descendentes dos senhores, e a afinidade de sofrimento dos herdeiros de

escravos “(NABUCO, 1883 p. 7). Isso poderia ser uma espécie de *White Savior*³², ou complexo de salvador branco, isso obviamente respeitando o devido contexto das ideias.

Sendo completamente crítico, Ramos não hesita e não poupa palavras em tecer suas críticas quanto as tratativas da República para os negros libertos, o mesmo tinha uma visão muito clara e objetiva do que teria realmente acontecido e de como isso havia sido usado de maneira completamente abusiva e absurda: “A República desconheceu o negro. Ou só o continuou lembrando – uma vez por ano! – não para homenageá-lo, massa para tecer hinos de puro saudosismo aos teóricos de uma abolição, que esqueceu o negro!” (RAMOS, 1942 p. 174).

E não obstante, o autor também passa a relembrar que além de ter esquecido o negro na história, também o esqueceu física e materialmente quanto decide não dar nenhuma assistência aos mesmos, resultando em uma experiência aterrorizante, desumana e, principalmente, injusta, perante a tudo que havia acontecido e pelo que ainda acontecia e o que haveria de acontecer. De acordo com Ramos:

O negro adquiriu experiência a sua própria custa. Vencendo obstáculos enormes. [...] Atravessou a ponte difícilíssima da república, que nas suas grandes festas o esqueceu, ao homenageado dos dias quentes da ainda abolição. Chegou até hoje, estropiado das manchas ásperas, das migrações memoráveis. Caminhando pelos seus próprios pés, ainda mal sarados das cicatrizes do tronco. Num país de auto didatas, o negro republicano é o nosso maior autodidata. (RAMOS, 1942, p. 176).

Com isso, apresentada as reflexões necessárias, podemos fechar esse subtítulo tendo uma plena compreensão do pensamento de Arthur Ramos quanto ao abolicionismo e o problema gerado pela falta de assistência e reconhecimento do estado Brasileiro como um todo. Da problemática do racismo que o cerca, podemos compreender a forma como seu pensamento se alinha com as figuras negras e abolicionistas anteriores a ele, os quais pautaram seus escritos nas denúncias dos horrores da escravidão e no apagamento social e histórico dos mesmos.

A importância do samba para analisar a identidade afro-brasileira

³² Quando um branco acredita que pode salvar a miséria do mundo (que seus antepassados ajudaram a construir) e aproveitam dessa situação para expor estes pequenos corpos pretos nas redes sociais, eles estão colaborando para reforçar estereótipos, como os de que África é um continente miserável e que os africanos são incapazes de sobreviver sem a ajuda dos brancos (BERNARDES, 2020).

Os debates culturais e de identidade são uma evidência tanto na obra fonte dessa pesquisa, quanto na sua trajetória como médico, antropólogo e intelectual brasileiro, sua leitura sobre os temas eram por vezes muito condizente ao seu contexto, tanto intelectual quanto social ao qual estava posto. Não é a primeira vez nesta pesquisa que abordamos a forma como Ramos tinha uma leitura bem diferenciada da maioria de seus pares, antropólogos brancos da época e principalmente presentes no Brasil. É necessário compreender a forma como ele foi combativo. Neste sentido, esse subtítulo analisa na importância da musicalidade e, mais precisamente, do samba, seja no contexto das juntas negras, seja no contexto posterior a elas, destacando o ativismo negro.

Ramos compreendeu como fundamental para a formação cultural a música produzida tanto pelos africanos e africanas escravizados quanto pelos negros libertos e seus descendentes. Para compreender melhor isso, voltamos as juntas negras, tão citadas no subtítulo anterior dessa pesquisa, onde é o berço de todo esse patrimônio cultural negro. O autor nos apresenta de uma maneira muito simples: “Afóra esse objetivo de defesa, nesta obra de mutualismo, houve outros grupos de recreio condicionados pelo regime de escravidão, ou surgidos durante a fase canto e dança atravessam a vida do negro em terras da América” (RAMOS, 1942, p. 125).

Com isso, podemos compreender então que, segundo os escritos do autor, podemos fazer a análise de que a dança e a música foram além de um objeto de formação cultural, mas uma ferramenta de resistência. Podemos afirmar isso, quando pensamos o contexto do pós-abolição da escravatura onde a junção dos mesmos em meios urbanos era vista como um problema pela polícia, principalmente quando eram vistos em grupos (SILVA, 2018) e da mesma forma como podemos compreender a partir do recorte da fonte:

O poder aglutinante desta música e desta dança, que saíram dos círculos negros e se espalharam pela vida nacional de um continente todo. Música e dança que contam uma história de grave poder emocional e de que depois participaram os brancos que a ouviram! As rodas de samba. Os “pontos” de macumba e dos candomblés. As melopeias de Pai João, na senzala. Os Spirituals dos campos de algodão do Mississipi. As danças e os cantos antilhanos. Os cantos mágicos do Bush Negro das Selvas das Guianas (RAMOS, 1942, p. 125-126).

Percebemos que existe um toque muito sutil na análise quanto à importância significativa para a população, e conseqüentemente para a obra, tanto que o mesmo faz essa reafirmação na seqüência:

Foram muitos os grupos recreativos do Negro, do Brasil. Nas plantações e nas cidades, eles se reuniam frequentemente, durante o tempo da escravidão e depois dele. As rodas de samba e de batuque, as sobrevivências de muitos autos cerimoniais de caça, guerra e amor... encheram a sua vida em outras terras. (RAMOS, 1942, p. 126).

Para o conjunto da análise e da importância cultural das rodas recreativas, Ramos teve a sensibilidade de perceber o papel primordial da mesma, olhando tanto para o passado como para o presente da questão que o mesmo analisava. Compreender a sua importância, desde a senzala até o pós-abolição, foi um elemento chave para que hoje possamos pensar a formação intelectual do antropólogo.

Para tratarmos melhor dessa temática e para analisarmos da maneira mais histórica possível é necessário que estejamos dispostos a pensar por mais de um autor. Neste caso, acho necessário, aqui, fazer o diálogo das ideias de Ramos com as ideias da doutora em ciências sociais Maria Eduarda Araújo Guimarães, que em sua tese de doutorado “Do Samba ao Rap: A música negra no Brasil”, de 1998, em que faz uma análise muito completa sobre a importância cultural da música para a cultura afro-brasileira:

Em um país onde a cidadania oficial não incorpora de modo efetivo grande parte do contingente populacional, especialmente os negros, mestiços e pobres, a identificação do indivíduo com a nação tende a se realizar por meio de manifestações culturais [...] é através dessas manifestações culturais que a população brasileira excluída de um acesso a cidadania “plena”, ou seja, aquela que também os incluisse no universo político, econômico e social, consegue se reconhecer como brasileiro, como pertencente a nação. (GUIMARÃES, 1998, p. 13).

Como fica evidente no trecho de Guimarães, podemos compreender que a temática cultural vem afetar não apenas no sentido identificação étnica, mas de nacionalidade e de cidadão de direito, ao qual mesmo que sequestrados, agora estavam vivendo e seus descendentes estariam subjugados a viver, quer queiram ou não. Porém, creio que seja necessário fazer uma pequena pausa na discussão, para deixar evidente que o objetivo da pesquisa não é analisar a história do samba, mas a sua importância significativa dentro da obra de Ramos.

Com a discussão feita até aqui, podemos então dar um salto no debate e assim abranger ainda mais a nossa noção da importância desse aspecto cultural para a fonte. Assim como o título da fonte diz, Ramos explica que uma aculturação negra é o ato de um indivíduo ou grupo se adaptar a outras culturas. Cabe aqui abrir um breve parêntese para falar que no ano de 1941 o antropólogo participou de um curso ministrado por Melville Jean Herskovits sobre aculturação, o que

consideramos ser um ponto fundamental em seus estudos sobre a aculturação africana no Brasil. Na compreensão de Ramos a aculturação deve ser entendida como um processo sociológico e antropológico:

Nos contatos sociais e culturais, conhece-se um grupo de processos similares que sociólogos e antropólogos têm classificado em conceito de adaptação, acomodação, ajustamento, aculturação, etc. As diferenças repousam no ponto de vista considerado pelo estudante. Assim, adaptação é um processo biológico; acomodação, um processo social; ajustamento, um processo psico-social; e aculturação um processo cultural. Os conceitos são por vezes modificados e confundidos, dependendo dos pontos de vista das várias escolas. (RAMOS, 1942, p. 219 – 220).

Aqui podemos compreender que o autor tem plena consciência da diferença entre as mudanças físicas, psicológicas e culturais que determinadas ações causavam, tanto que as divide em nomenclaturas diferentes para que sejam compreendidas de maneira simples. Creio que por meio da leitura, podemos dizer que os processos que Ramos identifica aqui no Brasil ocorrem entre o ajustamento e a aculturação, isso porque novamente precisamos compreender o contexto em que o autor e as informações que o mesmo possuía na sua época.

Quanto à própria ideia de aculturação e de sua existência tanto filosófica quanto histórica, julgamos ser necessário empreender aqui uma melhor noção do problema. Visto que de uma ótica crítica, não existe uma maneira de afirmar que de fato os africanos e africanas escravizadas foram aculturados, visto que a luz da violência (física, psíquica e cultural) sofrida pelos mesmos, nos leva a crer que antes mesmo de qualquer processo de inserção essas pessoas foram postas frente a uma imposição cultural a qual foi regrada e redigida pela crueldade do homem branco.

Com isso, e para encaminhar o final dessa discussão, creio que o sociólogo Reginaldo Prandi nos explica bem, em sua obra “De Africano a afro-brasileiro: identidade, etnia, religião”, publicada em 2000, a forma como essa aculturação vai se dar no Brasil, de uma forma mais centralizada a qual Ramos trouxe em sua obra. De acordo com Prandi:

Os casamentos entre nações, a miscigenação com o branco e com o índio, a adoção da cultura nacional promovera com intensidade o apagamento das diferentes culturas africanas. Quanto mais distante no tempo estamos, mais intenso terá sido o processo de absorção do africano à cultura brasileira em formação, menos marcas culturais específicas terão sobrado” (PRANDI, 2000, p. 56).

Acreditamos que com as informações coletadas e discutidas neste subtítulo podemos compreender a importância do Samba nas pesquisas de Ramos, seja na sua forma musical, seja na

dança, que contempla a cultura afro-brasileira de uma maneira a qual nenhum outro aspecto cultural vem a fazer. Isso porque o mesmo traz consigo as raízes de África, da religião, da resistência e principalmente de uma história que luta constantemente contra o apagamento de seus principais nomes e que o mesmo vem a representar o símbolo mais de resistência e existência a tentativa de aculturação a qual foi explorada neste artigo.

Conclusão

Ao longo desta pesquisa, se tornou muito claro a forma como os aspectos culturais, sociais e políticos tinham uma importante centralidade nas pesquisas de Arthur Ramos, ou mesmo, em sua trajetória. Compreendido como um importante intelectual de seu tempo, durante todo o relato passamos a compreender de forma muito mais precisa a sua contribuição para os estudos antropológicos no Brasil, não apenas no sentido de inspiração a tantos outros, mas de abrir caminhos e quebrar barreiras de estudos os quais não se dava a devida atenção.

Como proposto na metodologia, compreender a obra e a trajetória intelectual de Arthur Ramos foi um trabalho que demandou um olhar muito delicado sobre os seus escritos. Compreender que os escritos do antropólogo faziam parte de um contexto intelectual, como um produto de seu tempo, foi essencial para que durante toda a discussão se compreendesse que Ramos tinha uma visão muito objetiva e crítica sobre a escravidão, tanto quanto na tratativa da mesma no pós-abolição. Olhar para a obra de Ramos com um olhar mais histórico faz toda a diferença para compreender o papel atuante e intelectual do autor nas discussões sobre antropologia, raça e cultura africana. Isso permite compreender as potencialidades e limitações de suas obras à luz das ideias do seu tempo.

Por fim, concluímos que Arthur Ramos foi um antropólogo e médico bastante comprometido com a luta política, sendo também foi um intelectual muito importante na luta para o reconhecimento da cultura afro-brasileira. Também concluímos que os estudos de Ramos, que hoje se aliando aos estudos, escritos e protestos de tantos outros intelectuais negros e movimentos negros de sua época, tem uma importância primordial no sentido de que um pode se apoiar ao outro. Ramos teve acesso tanto aos estudos de campo quanto a leitura de escritos produzidos a sua própria época, o que possibilitou que a sua obra fosse fundamental na antropologia do seu tempo,

mas também na influência que exerceu nas gerações posteriores, inclusive de intelectuais negros comprometidos com a valorização da cultura africana. Não é por acaso que a obra de Ramos contribuir para formar uma tradição de estudos antropológicos, traçando uma linha muito clara de como o pensamento antirracista foi se formando com o tempo e para cada um em seu tempo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

BERNARDES, Thais. **O mito do ‘branco salvador’ exalta a generosidade da branquitude e a miserabilidade da negritude**. 2020. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/o-mito-do-branco-salvador-exalta-a-generosidade-da-branquitude-e-a-miserabilidade-da-negritude/>. Acesso em: 02 jun. 2021.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Do Samba ao Rap: a música negra no Brasil**. 2021. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 1992.

KRAAY, Hendrik. Os companheiros de Dom Obá: os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. **Afro-Ásia**, Salvador, n.46, p. 123, 2012.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 1999, v. 14, n. 41.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

PRANDI, R. **DE AFRICANO A AFRO-BRASILEIRO: ETNIA, IDENTIDADE, RELIGIÃO**. *Revista USP, [S. l.]*, n. 46, p. 52-65, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i46p52-65. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879>. Acesso em: 19 maio. 2021.

RAMOS, Arthur. **Aculturação negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. O campo, o museu e a escola: antropologia e pedagogia em Franz Boas. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 23, n. 49, p. 61-88, set. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000300003>.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 1988.

SILVA, Ana Lúcia da. **PEDAGOGIAS CULTURAIS NOS SAMBAS-ENREDO DO CARNAVAL CARIOCA (2000-2013)**: a história da África e a cultura afrobrasileira. 2022. 264 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Cap. 1.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Fgv, 1988. p. 262.

SANTOS, Ale. **Rastros de resistência**: histórias de luta e liberdade do povo negro. São Paulo: Panda Books, 2019.

TAMANO, Luana Tiekko Omena. **A mestiçagem no microscópio: entre a detração e a particularização, permaneceu a democracia racial**: uma análise de a mestiçagem no Brasil de Arthur Ramos (1930- 1950). 2011. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011